

**A TRADICIONAL “GUERRA DE ESPADAS” E AS ESTRATÉGIAS DE
TERRITORIALIZAÇÃO DOS ESPADEIROS NO ESPAÇO URBANO DE CRUZ DAS
ALMAS – BA**

Janio Roque Barros de Castro¹

Resumo

As festas juninas mobilizam em diferentes intensidades todos os municípios nordestinos. As pessoas se divertem no ciclo junino de diferentes formas. Na cidade de Cruz das Almas, na Bahia, a tradicional “Guerra de Espadas” é uma especificidade cultural local amada por uns e questionada por outros. A espada é um artefato pirotécnico feito de bambu com pólvora e outros elementos que impulsionam o seu deslocamento rápido, provocando delírio apoteótico dos apreciadores que promovem a chamada “Guerra de Espadas” na praça principal. No presente artigo faz-se uma análise da dinâmica territorial dos espadeiros na área urbana de Cruz Almas. O trabalho revelou que as batalhas de espadas projetam a imagem da cidade, como peculiaridade cultural, mas ao mesmo tempo divide opiniões entre as pessoas que são contrárias a essa prática e os espadeiros que, em grupos, territorializam ludicamente a praça principal.

Palavras-chaves: Festas juninas, Guerra de Espadas, espaço urbano, Cruz das Almas, território.

Introdução

As festas juninas são os eventos festivos mais esperados e comemorados do Nordeste brasileiro, porque mobilizam em diferentes intensidades todos os municípios dessa região. A maneira como as pessoas se divertem durante o ciclo junino pode variar de um lugar para outro. São as especificidades culturais no contexto das tramas festivas. Na cidade de Cruz das Almas, na região do Recôncavo baiano, a polêmica Guerra de Espadas é peculiaridade local que

¹ Mestre em Geografia e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia e do quadro permanente do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional na referida instituição. E-mail: janioroquec@yahoo.com.br



notabiliza a cidade e divide opiniões. Trata-se de uma prática que diverte de uns e causa temor em outros.

A espada é um artefato pirotécnico simples que varia de 10 a 30 centímetros de comprimento, apresentando um diâmetro que pode variar de 3 a 8 centímetros, feito através da mistura de pólvora, enxofre, barro e limalha de ferro prensados em um pedaço de bambu; possui um pequeno orifício em uma das extremidades que impulsiona o artefato de forma errante quando ocorre a combustão, produzindo uma luminosidade e um barulho característicos. Com a queima da pólvora ocorre o deslocamento em alta velocidade no sentido horizontal ou vertical. Todas as espadas são entornadas por um barbante espesso, mas, algumas delas apresentam algumas peculiaridades, como cores brilhantes, ou emitem uma sonoridade diferenciada. Não existe precisamente uma data ou evento específico que explique a origem da Guerra de Espadas na cidade de Cruz das Almas, no entanto, há relatos da utilização dos busca-pés no período junino do início do século XX.

O principal espaço da pirotecnia festiva das espadas em Cruz das Almas é a Praça Senador Temístocles Passos, que é uma área ampla, compartimentada em três blocos, no qual desembocam várias artérias intraurbanas e que exerce um papel de centralidade devido à diversidade de serviços ligados a atividades econômicas e burocráticas. Inegavelmente o seu papel de espaço de fluxos multi-direcionais e a sua funcionalidade pragmática na cotidianidade urbana diurna, fazem com que a Guerra de Espadas na praça principal se configure como uma prática lúdica de natureza transgressiva para muitos espadeiros. A transposição funcional de caráter sazonal da praça, de espaço de ações e práticas cotidianas a espaço festivo e pirotécnico, colaborou para a territorialização daquele espaço público pelos espadeiros. Estão situados na praça principal a Igreja Matriz, a Prefeitura Municipal, bancos e uma importante loja de departamentos, entre outros estabelecimentos. Além disso, existe um busto tombado, próximo à Igreja Matriz, que também é considerada como patrimônio material municipal, no centro nervoso da apoteose pirotécnica das espadas. Tanto o busto quanto a edificação religiosa citada são marcados anualmente pelos rabiscos das espadas.

No presente artigo, analisa-se a guerra de espadas em de Cruz das Almas, buscando-se compreender as estratégias de territorialização dos espadeiros na área urbana e as questões socioculturais e políticas que envolvem essa polêmica pirotecnia lúdica de natureza sazonal.

A guerra de espadas na área urbana de Cruz das Almas

As espadas são fabricadas artesanalmente tanto na zona urbana quanto na zona rural de Cruz das Almas. Sobre a normatização do fabrico desse artefato, os espadeiros argüem que não é o seu tamanho que vai determinar o seu poder de fogo, e sim a sua composição química, a qualidade do material e também a forma e o local onde são arremessadas. A partir de abril de 1994, a prefeitura municipal tornou obrigatório o cadastramento dos espadeiros e procurou racionalizar as áreas de deflagração das batalhas pirotécnicas, através do decreto 098/94, que determinou também que as espadas só poderão ser testadas a partir das 19 horas no período pré-junino e, a partir de 1º de junho, em locais autorizados e amarradas a uma base fixa. Segundo esse decreto, no dia 23 de junho a praça principal da cidade só poderia ser liberada para os espadeiros entre as 14 e as 18 horas. Tratava-se de uma medida que visava a preservar a circularidade de consumidores pelos estabelecimentos de comércio formal e informal, em um período no qual milhares de pessoas se deslocam para Cruz das Almas. É importante destacar que no entorno da praça estão situados importantes estabelecimentos comerciais locais, como lojas de departamentos, de tecidos, de material de construção, de utensílios domésticos e algumas agências bancárias; a feira livre também funciona em um largo contíguo à referida praça, onde desembocam duas artérias viárias paralelas ao mercado municipal, onde aos sábados se instala um dos mais importantes mercados periódicos do segmento informal do Recôncavo baiano, que é consideravelmente ampliado durante o ciclo junino.

A tentativa de normatização do espaço público para o uso por parte dos espadeiros, que mantêm viva uma tradição centenária, às vezes acaba sendo um convite à transgressão. Durante o ciclo junino, as edificações residenciais ou de serviços situadas nos pontos de batalhas de espadas se transformam em fortificações entornadas com tábuas e telas de metal. Se ao longo do tempo o surgimento de edificações jurídico-burocráticas, como o fórum, de serviços básicos de saúde, como hospitais, e de prestação de serviços básicos, como postos de gasolina, estriaram o espaço de forma a limitar o raio de ação dos espadeiros, que passaram a ser demarcados por agentes externos, na atualidade as micro-intervenções de caráter estético e paisagístico inegavelmente devem levar em conta o poder de fogo e de deslocamento das espadas. As batalhas com esses artefatos pirotécnicos determinam as ações da gestão pública, a ponto da escolha de determinadas luminárias, de artefatos de ornamentação, objetos artísticos e de outros elementos da composição estética de alguns espaços públicos serem adaptados / ajustados à guerra de fogo dos espadeiros. A Praça Senador Temístocles Passos, apesar de muito grande, apresenta um desenho retangular e próximo a uma de suas extremidades situa-se a igreja católica de Nossa Senhora do Bonsucesso, padroeira da cidade. No entanto, ao longo deste amplo espaço público não existem monumentos ou estátuas expressivos, nem em local de destaque, à exceção do busto de um ex-intendente local, para que não sejam alvejados pelo

poder de fogo das espadas. Trata-se de um praça ampla, arborizada. Questão polêmica: os gestores públicos deveriam indenizar as pessoas que tiveram prejuízos patrimoniais com a guerra de espadas? Não. Primeiramente porque a cidade não teria condições de custear gastos dessa natureza. Em segundo lugar, o mapeamento, intensidade e veracidade desses prejuízos seriam de difícil aferição.

Um dos fatores que ajudam a explicar a concentração de espadeiros na zona urbana é a pavimentação asfáltica ou o calçamento rochoso das vias (paralelepípedos), que permitem um melhor desempenho das espadas. Porém, mais importante do que o componente físico dos arruamentos da cidade é o fascínio e o simbolismo cultural e estético do espaço urbano, que provisoriamente se transforma em macro-arena “desregrada” e ao mesmo tempo normatizada. Os riscos pretos das espadas nas casas, muros e demais edificações significam, para o espadeiro, o bom desempenho de seu produto. Diferentemente dos rabiscos dos grafiteiros urbanos, que apesar da espontaneidade irreverente esboçam intencionalidade no traço, os riscos das espadas são eminentemente errantes, tanto do ponto de vista das formas, quanto do quadro / moldura utilizada para impressão.

A Guerra de Espadas de Cruz das Almas atrai pessoas de outros municípios. Nas últimas décadas notou-se um relativo adensamento provocado pelos espadeiros locais e de cidades circunvizinhas, como Governador Mangabeira, Muritiba e Sapeaçu, que optam pelo espaço público aberto, apoteótico. Inegavelmente, as “rainhas loucas” da festa, expressão utilizada no documentário da TV Educativa da Bahia, estão ficando mais violentas. Esta situação tem colaborado para que alguns espadeiros retomem uma prática do passado e voltem a queimar espadas novamente nas proximidades das suas casas com familiares ou em grupos de amigos na frente da suas residências.

Os grupos de espadeiros se mesclam em momentos como o ato de acender as espadas ou mesmo na solidariedade a alguns feridos. No dia 23 de junho, a partir das 16 horas, começam a chegar espadeiros de outras cidades, que, juntamente com aqueles de Cruz das Almas, que são maioria, e turistas de cidades como Salvador e Feira de Santana, iniciam a Guerra. Alguns “guerreiros” até lembram alguns proprietários de unidades comerciais da praça que a batalha está prestes a começar e por isso devem se apressar e fechar os seus estabelecimentos, enquanto que outros desconsideram essa prática e acham que apenas a presença dos grupos de pessoas trajadas para a batalha já é o suficiente para que as pessoas se dispersem e as casas e lojas do entorno fechem suas portas. A partir das 17 horas já se observa um maior número de pessoas vestidas com camisas de manga longa, calças *jeans*, meias, sapatos ou botinas, luvas e uma espécie de capanga na qual transportam as espadas. Não só a praça se transforma em palco de guerra, envolta em uma atmosfera de ludicidade, como também o corpo do espadeiro estilizado para a batalha pode ser considerado “uma máquina de guerra” no sentido do desregramento e da

ousadia. Ao colocar a roupa para participar da batalha, cabe ao espadeiro defender seu corpo e seu território.

Os espadeiros ainda queimam espadas nas ruas, nas frentes das casas e na zona rural de Cruz das Almas, porém a área *core* da batalha é a praça principal. Apesar de ser um espaço apoteótico das espadas, a praça, nos últimos anos, vem passando por um processo de saturação que tem estimulado uma relativa desconcentração da Guerra de Espadas. Esse rearranjo espacial na pirotecnia lúdica é determinado tanto pelo aspecto quantitativo (excesso de espadeiros concentrados em um mesmo lugar) quanto qualitativo: os espadeiros ou grupos mais experientes exercem uma hegemonia territorial não por imposição, mas através da técnica, do manuseio das espadas e do tempo de apropriação da praça. Ao observar a Guerra de Espadas na praça, podem-se notar nucleações grupais determinadas por laços de afetividade, parentesco, vizinhança ou convivialidade na rotina de trabalho. A distância física não se constitui em empecilho para organização dos grupos, porque além dos *sites* de relacionamentos pela internet existem grupos *on-line* para combinar os encontros na pirotecnia festiva, configurando, assim, um “território virtual”, que pode significar um *continuum* comunicativo no longo interregno entre um ciclo junino e outro. Existe um *link* na página oficial do São João de Cruz das Almas, através do qual ocorre um excelente debate entre espadeiros e pessoas que são contra ou a favor da Guerra de Espadas, como moradores e visitantes. Os espadeiros recriaram os seus territórios fazendo uso dos meios eletrônicos e muitos que residem em municípios próximos a Cruz das Almas reduziram a importância simbólica de seus espaços de experiência imediata e de fixidez, ao tempo em que procuraram demarcar o seu território com seus grupos na área urbana (território material) e expandi-lo na dimensão imaterial (“território virtual”). Através de *e-mails*, *orkut* e *MSN* comunicam-se, articulam-se, marcam encontros, debatem, inclusive com pessoas do exterior.

Nos anos de 2005 e 2006, a praça principal de Cruz das Almas passou por uma pequena reforma. A inserção de componentes materiais ou estéticos ao longo de um dos calçadões que bordejam aquele logradouro público foi feita levando-se em consideração a prática lúdica das batalhas de espadas. Na dimensão do espaço privado, nota-se que as pessoas não colocam como uma de suas prioridades a pintura anual da fachada das casas, como é muito comum em cidades do interior do Nordeste brasileiro, sobretudo na época do São João e do Natal, ou seja, a prática cultural das batalhas de espadas influenciam de forma direta na composição estética das residências e do espaço público, notadamente nas áreas centrais da pirotecnia festiva.

Os gestores públicos de Cruz das Almas promovem uma megafesta junina em uma praça denominada Parque Sumaúma que atrai milhares de pessoas anualmente. A promoção dessa festa junina espetacularizada em uma praça periférica em relação ao desenho urbano e a inserção das principais batalhas de espadas na praça mais importante da cidade, indicam uma

hierarquia na forma de uso e apropriação do espaço público em Cruz das Almas para a prática festiva junina, que expressa a importância dessa pirotecnia lúdica para a cidade em tela. Todavia, por mais paradoxal que possa parecer, existem algumas pessoas em Cruz das Almas que defendem a retirada compulsória da Guerra de Espadas da Praça Senador Temístocles Passos e a promoção da festa junina espetacularizada nesse referido logradouro público, o que provocaria um conflito territorial sem precedentes com os espadeiros. Uma eventual transferência do local da festa do Parque Sumaúma para praça a principal descaracterizaria a apoteose pirotécnica das espadas que notabiliza Cruz das Almas em um contexto atual no qual as peculiaridades culturais são extremamente relevantes para a construção de uma imagem-síntese da cidade, tão perseguida pelas municipalidades. Já um deslocamento da Guerra de Espadas da praça principal para uma área periférica poderia significar a construção simbólica de um “espadódromo²”. Nem as proposições atinentes a uma possível transferência da festa concentrada para a praça principal, nem a edificação de um “espadódromo” tendem a se concretizar, por causa das querelas de ordem política e cultural que envolvem essas questões. Além disso, deve-se considerar que com o crescimento urbano da cidade e sua consolidação como centro sub-regional e universitário, ocorreu um processo de valorização do solo urbano e periurbano, que não inviabiliza, mas dificulta a possibilidade de macro-intervenções para construções de obras expressivas, como um espaço festivo fechado ou um “espadódromo”.

A dinâmica territorial das espadas e as restrições à mobilidade festiva do ciclo junino.

A tradicional Guerra de Espadas inviabilizaria o São João itinerante na área urbana de Cruz das Almas? Nos últimos anos, a prefeitura local tem procurado “disciplinar” as batalhas de espadas no espaço público da cidade, buscando não apenas a demarcação descontínua de áreas proibitivas, como também buscando-se inserir, no desenho urbano, zonas livres para a prática do tradicional “São João de casa em casa”, que estaria sendo progressivamente comprometido com a proliferação difusa das batalhas. Essa postura dos gestores públicos significa o reconhecimento de que as batalhas de espadas criam “territórios de confinamento” na cidade? A tentativa de normatização dessa prática pirotécnica expressa um controle externo de uma manifestação cultural tradicional?

É importante lembrar que a Guerra de Espadas divide opiniões. Algumas pessoas são contra porque a consideram uma prática violenta que desestimula o turismo e o simples ato de flânar pelas ruas da cidade, ou seja, os visitantes não saem para conhecer a cidade temendo serem alvejados pelas espadas. Para muitas pessoas, esses artefatos pirotécnicos se constituem

² Área fechada, assemelhando-se a um pequeno estádio, destinada à deflagração da guerra de espadas.

em um gargalo turístico, uma vez que aprisionam as pessoas em determinados locais da área urbana, obrigando os foliões juninos a se alternarem entre o local de hospedagem (casa, pousada, hotel...) e a Praça do parque Sumaúma, onde está armado o palco da festa espetacularizada. De certa forma, o temor às espadas contribui para formação de enclaves territoriais, uma vez que muitos visitantes circulam pouco pela cidade, circunscrevendo seu itinerário repetitivo. Para muitos foliões juninos que se deslocam para Cruz das Almas, os espadeiros não só consolidaram territorialmente uma porção da cidade (praça principal), como ampliaram territorialmente sua área de atuação, quando lançam espadas acesas em áreas proibidas e impõem territórios compulsórios. As limitações de uso do espaço público de Cruz das Almas para o flunar lúdico-festivo no auge do ciclo junino existem há décadas, como comprovam os trechos do livro de crônicas e memórias de infância de Renato Passos Pinto Filho:

(...) Você também agora já sabe todas as novidades de não se esquecer, de quem tem a oportunidade amanhecer e entardecer num domingo e de muito sol nesta terra; mas nada lhe falei do São João; é um frio danado e a chuvinha fina não pára um minuto; os adultos prendem um pouco a gente por causa das espadas malucas que soltam, fazendo guerra; na praça é uma confusão enorme, e as frentes das casas ficam riscadas de preto pelas rabeadas das espadas. Em algumas casas seus donos chegam a forrar a frente com tábuas de madeira durante as festas de São João e São Pedro (PINTO FILHO, 1984, p. 173).

No passado, a Guerra de Espadas no espaço urbano de Cruz das Almas tinha um efeito repulsivo para os não adeptos dessa prática, fazendo com que algumas pessoas se fechassem em casa ou se deslocassem para a zona rural ou para aquelas áreas mais distantes da cidade. A partir do final da década de 1980, inseriu-se um ponto fixo na cidade com forte chamariz imagético, midiático e espetacular: a festa concentrada no Parque Sumaúma. É importante destacar, para aqueles que temem o poder de fogo das espadas, que a guerra é deflagrada de forma concentrada e, ao mesmo tempo, dispersa, na área urbana, criando “territórios de confinamento” que podem se configurar em três dimensões espaciais:

a) Território aberto (Praça do Parque Sumaúma);

- b) Território semi-aberto em escala reduzida (casa alugadas, unidades residenciais);
- c) Território fechado sem linhas de conectividade com as práticas festivas juninas da área urbana (pessoas que não participam das festividades do ciclo junino, como alguns evangélicos, e que se fecham em casa ou em templos religiosos).

Tanto a casa quanto a Praça do Parque Sumaúma podem ser considerados “territórios de confinamento” para aquelas pessoas que temem as espadas. A praça festiva pública pode apresentar faixas de ampliação em direção à praça principal, onde acontece a apoteose pirotécnica, o que poderia gerar interfaces conflitivas em relação ao território dos espadeiros, mas, respeita-se o pacto de coexistência territorial entre as diferentes modalidades de entretenimento junino, à exceção de alguns incidentes isolados. Ao avistar um grupo de espadeiros identificados pela forma típica de se vestir (assemelhando-se a um soldado ou guerreiro em combate) muitas pessoas fecham as portas, criando um hiato entre a casa e a pirotecnia de rua. Por outro lado, muitos apreciadores dessa prática sentem-se honrados com a visita dos espadeiros itinerantes e oferecem comidas e bebidas típicas, que posteriormente são agradecidas com a queima de espadas em frente à residência, em homenagem ao dono ou à dona da casa. Dessa forma, pode-se afirmar que a peculiaridade cultural do São João de Cruz das Almas, as batalhas de espadas, produziu ou reinventou a tradicional prática das festas juninas de casa em casa e, ao mesmo tempo, limitaram a mobilidade lúdica no espaço urbano da cidade em determinados horários, redimensionando temporal e espacialmente a prática do São João itinerante inter-residencial.

No Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), os gestores públicos de Cruz das Almas destacam a importância do fortalecimento de determinadas especificidades locais na comemoração das festas juninas, ao tempo em que propõem a criação de um projeto de discussão da prática da Guerra de Espadas em caráter permanente, que venha, portanto, eliminar o hiato temporal entre um ciclo junino e outro, quando os debates acerca da pirotecnia festiva das espadas voltam à baila, tanto nas discussões em âmbito institucional, quanto na cotidianidade do município. Um dos pontos mais relevantes desse projeto é a proposição de plenárias, seminários e consultas populares para discutir a logística das espadas na área urbana. Vislumbra-se, dessa forma, uma horizontalização nos debates atinentes a uma manifestação cultural reconhecida nacionalmente.

Segundo os defensores da coexistência entre a deflagração da festa junina concentrada de forma nucleada na Praça do Parque Sumaúma e a pirotecnia das espadas, difusa pela área urbana da cidade, são os particularismos locais que atraem os turistas de eventos e não as similaridades entre os lugares, e, no caso de Cruz das Almas, a espada seria o carro-chefe da

imagem da cidade, em um período de forte valorização do *city marketing*. Inegavelmente, esse argumento ganha força com as inserções de imagens e matérias sobre as espadas em telejornais das grandes redes de comunicação do país.

A territorialização do espadeiro construída na mobilidade no espaço intraurbano.

A praça principal de Cruz das Almas é notabilizada no ciclo junino regional como território apoteótico da pirotecnia das espadas, como se destacou anteriormente. Entretanto, além do ponto, a territorialização festiva das espadas se expressa na mobilidade de grupos se deslocando a pé ou de bicicleta através de itinerários errantes, semi-errantes ou no sentido ponto a ponto. No passado, algumas pessoas faziam a festa junina itinerante pela área urbana de Cruz das Almas com alguns grupos tradicionais; mais recentemente alguns carros de som faziam um “arrastão” junino errante pelas ruas da cidade, incluindo nesse trajeto vias públicas, nas quais a Guerra de Espadas estava cristalizada territorialmente. A sonoridade dos veículos, os gestos e os pedidos verbais das pessoas que conduziam o carro de som eram suficientes para se imiscuir efemeramente no território das espadas até meados dos anos 1990. Esse pacto social de coexistência na atualidade pode ser descumprido quando alguns interlocutores que exercem a hegemonia territorial estiverem com a lucidez comprometida pelo excesso de bebidas alcoólicas, por isso as gestões públicas de Cruz das Almas, a partir de 1989, e principalmente no transcurso da década de 1990, optou pela demarcação de áreas específicas para a Guerra de Espadas e pela definição de um espaço oficial para a festa junina concentrada.

Uma batalha de espadas tradicional que altera em parte o cotidiano urbano de Cruz das Almas no período pré-junino é o “casamento do CEAT³”, que consiste em um festival pirotécnico no qual estudantes do Colégio Alberto Torres e espadeiros de Cruz das Almas e cidades vizinhas se deslocam daquela referida unidade de ensino, situada em uma área periférica da cidade, em direção à praça principal. O objetivo inicial desse evento era testar a qualidade e o poder de fogo e de deslocamento das espadas, preparando-se para a apoteose nos dias 23 e 24 de junho. O título do evento se justifica porque inicialmente seus organizadores dramatizavam o chamado “casamento na roça”, com noiva, noivo e convidados vestidos de forma estilizada, imitando um suposto casamento matuto forçado, no qual geralmente o homem se vestia de noiva e a mulher de noivo. Inicialmente, a dramatização era feita por alunos do

³ Segundo o professor Alino Matta Santana (1997) o Centro Educacional Alberto Torres, conhecido como CEAT, foi um dos mais importantes colégios da Bahia. Inaugurado em 14 de março de 1948, no passado foi notabilizado no contexto regional pela boa qualidade de ensino. Até 1962, esta unidade de ensino era particular, mas, nesse referido ano passou a ser gerido pela Universidade Federal da Bahia. No ano de 1965, passou a fazer parte da rede estadual de ensino.

Colégio e se limitava aos muros da escola. No entanto, como ficou difícil coibir a queima de espadas em um período no qual a produção desse artefato apresenta um incremento importante, sugeriu-se que a comemoração daquela atividade lúdica fosse realizada na rua, no espaço público, o que se constituiu em um estímulo ao desregramento, notadamente em décadas passadas, quando a disciplina escolar era mais rígida. O casamento do CEAT significa, para os foliões apreciadores das espadas, o mesmo que os antigos “gritos” de carnaval ou de micaretas significavam, ou seja, o anúncio da aproximação de uma determinada festa e a divulgação desse evento. O casamento do CEAT é o grito do espadeiro, alterando o cotidiano da cidade em um dia comum, o que descortina uma atmosfera de irreverência em espaço público e alimenta muitas críticas por parte daqueles que se opõem às guerras de espadas na área urbana. As contestações, na verdade, estimulam os espadeiros que reivindicam seu espaço sazonal através da territorialização efetivada na mobilidade.

Ao “tomar as ruas”, os integrantes do casamento do CEAT não se deslocam linearmente de um ponto (Colégio Alberto Torres) a outro (praça principal); apreciam, vivenciam, desregam transitoriamente o seu espaço de deslocamento. Os espadeiros aproveitam intensamente as andanças, e, ao chegar às imediações da praça principal, o movimento geralmente se dissipa, o que demonstra que a especificidade daquela prática é a mobilidade territorial, ou seja, o *front* de batalha é uma construção contínua, conseqüentemente sua moldura e a composição estética se alteram ao longo do trajeto, contrapondo-se à fixidez de outras batalhas urbanas.

O casamento do CEAT acontece em um período no qual é proibido queimar espadas, no entanto, a tradição dessa prática, inserida no calendário do espadeiro, sobrepôs-se à determinação judicial e destoou como um evento cultural em Cruz das Almas. Partindo-se do pressuposto de que a referida batalha de espadas acontece em um período no qual é proibida a queima de espadas, o “casamento do CEAT” pode ser considerado um exercício de desregramento? Existe a relevância do trajeto, assim como existem as menções referenciais dos pontos de saída (colégio) e chegada (praça), por isso essa prática festiva, na qual o trajeto é de grande relevância, estaria em uma situação de *intermezzo*, para utilizar uma expressão de Deleuze e Guattari (1997). É um semi-desregramento efêmero e monitorado pelos policiais e gestores públicos.

Territorialização, ampliação e arenização: algumas acepções conceituais propostas para a análise da dinâmica espacial dos espadeiros.

As formas de uso e apropriação da Praça Senador Temístocles Passos em Cruz das Almas obedeceu a uma sincronização espaço-temporal que permitia determinadas sobreposições e simultaneidades, mas que inviabilizavam outras. Durante o carnaval, a praça era o espaço de uma diversidade de manifestações folclóricas, que apresentavam interfaces, zonas de vizinhança, pontos em comum e peculiaridades como os ternos de caretas, as rodas de samba e os cordões carnavalescos. Quatro meses depois, no mês de junho, a praça era dos espadeiros. Muitos foliões que integravam ternos carnavalescos participavam ativamente da guerra pirotécnica, mas não se atreviam a soltar espadas durante o carnaval. Depreende-se nesse contexto que a praça principal de Cruz das Almas se caracterizava como espaço de síntese cultural, reunindo agentes, práticas, tramas, situações e mitos do calendário religioso, folclórico e místico das especificidades locais e regionais e do patrimônio cultural brasileiro. Descortina-se desta forma o conceito de multiterritorialidade cultural. As manifestações festivas na praça matriz de Cruz das Almas se relacionavam, complementavam-se, se misturavam em uma trama cênica e estética, na qual os territórios apoteóticos eram policentrados, polinucleados, atomizados e todos os agentes eram experienciadores das manifestações festivas. Para W. Benjamim (1996) *apud* Serpa (2007a), a experiência está ligada à memória individual e coletiva e a tradição, dessa forma, as práticas culturais de um povo são ações envoltas nessa atmosfera de rememoração.

Um conceito levantado nesse ensaio para nortear o enfoque analítico sobre a dinâmica espacial das espadas na área urbana de Cruz das Almas é o de ampliação territorial. A batalha ainda se constitui em um grande espetáculo pirotécnico na praça principal, porém nota-se que a partir sobretudo dos anos 1990, algumas áreas da cidade que não tinham a Guerra de Espadas, passaram a apresentar manifestações dessa natureza, respeitando-se o esboço hierárquico de sincronia espaço-temporal na deflagração da guerra, predominantemente em horários que não coincidem com as principais batalhas na praça matriz. Entretanto, há relatos de sobreposições de horários entre as grandes batalhas e algumas menores, a exemplo daquelas que ocorrem nas bordas periféricas do desenho urbano. A dispersão das batalhas torna as formas de controle e normatização dessa prática mais difícil por parte dos órgãos controladores (prefeitura e polícia).

O esforço para demarcação de áreas onde a queima de espadas é proibida é sempre uma empreitada difícil pelo somatório de vários fatores, dentre os quais a própria concepção de espaço público, não só como categoria política de análise, mas como um constructo depreendido de forma equivocada por alguns segmentos citadinos, que entendem que o lugar público não é

propriedade de ninguém e é, ao mesmo tempo, lugar de todo mundo, ou seja, a rua não é minha, mas é de todos. Muitas vezes entende-se que o espaço público, pelo seu caráter coletivo, deve ser permissivo e não normatizado, daí leitura do “público” como sendo o não regulado. É como se as pessoas vivessem em um mundo segmentarizado e normatizado no seu trabalho, em casa, nas empresas e em instituições e, ao mesmo tempo, deslocassem-se de um ponto a outro, utilizando-se do espaço público que corresponderia a um mundo paralelo, concebido como não normatizado, não regulado. A concepção de espaço público como categoria política de análise revela que as ruas das cidades são exemplos claros de espaços normatizados. Um outro fator que colabora para que alguns dos espadeiros não respeitem as áreas demarcadas é o desejo de desregramento, destacado alhures; de certa forma, vivemos imiscuídos em um corolário de normas que cartesianamente regulam, racionalizam o cotidiano, daí os espadeiros aproveitarem para extrapolar e transgredir no território normatizado, como estratégia para impor o seu território pessoal ou grupal ou promover uma distensão de um outro território já consolidado, constituindo, assim, a ampliação territorial, alimentando o desejo de posse do lugar público.

O conceito de lugar neste trabalho é concebido como recorte espacial para análise de uma determinada porção territorial do espaço urbano, ou seja, trata-se da referência a um determinado local específico como uma praça ou rua. Para Yi-Fu-Tuan (1983), o espaço é movimento, enquanto o lugar é repouso. Dessa forma, a especificação do local é uma maneira de trabalhar com o conceito de lugar, enquanto que espaço é um conceito que apresenta uma dimensão de análise mais densa, ampla e complexa. Outro aspecto importante que Tuan (1983) salienta é que o espaço se transforma em lugar quando passa a ter significado para quem o ocupa, por isso a mesma Praça Senador Temístocles Passos, que é espaço de passagem e de serviços na cotidianidade urbana de Cruz das Almas, converte-se em templo sagrado para os praticantes da Guerra de Espadas. É território consolidado e lugar apropriado afetivamente durante as batalhas pirotécnicas.

A construção de um espadódromo poderia significar uma confirmação a partir de um marco espacial da turistificação, não só de lugares, como também das práticas festivas oriunda dos meios populares, cuja área festiva deve adequar-se às dimensões físico-espaciais de uma arena. Dessa forma, a Guerra de Espadas se transformaria em um espetáculo “para turista ver” e não em uma prática cultural e experienciada ativamente pelos seus praticantes. Como planejar e formalizar espacialmente uma prática festiva produzida horizontalmente na dimensão comunitária e familiar? Os debates acerca da dimensão conflitiva entre o planejado e o espontâneo são recorrentes e extrapolam o mundo acadêmico. Um exemplo de racionalização formal do espaço festivo, citado por Vaz e Jacques (2006), é o sambódromo situado da cidade do Rio de Janeiro, que representa a formalização do carnaval carioca, que deixou de ser um evento espontâneo das ruas para se transformar em um produto da indústria do carnaval para ser

vendido aos turistas. Evidentemente que se devem ressaltar determinadas especificidades no processo de cooptação de manifestações festivas pela indústria cultural em uma metrópole de projeção nacional e global, como o Rio de Janeiro, e em uma cidade pequena de projeção local e sub-regional, como Cruz das Almas. No entanto, há pontos comuns que podem ser desdobrados analiticamente, como os processos de espetacularização urbana assentado na promoção da megafesta na Praça do Parque Sumaúma, a arenização festiva e a turistificação dos lugares. O Rio de Janeiro há muito tempo é uma metrópole consolidada midiaticamente como um dos mais conhecidos pontos turísticos do planeta pelos seus atributos naturais, pelas potencialidades do seu acervo cultural material, como seus sítios históricos seculares, e pelo seu patrimônio imaterial, como danças, músicas e festas populares e o carnaval, que saiu da rua e foi para arena para ser visto pelos turistas que visitam a cidade ou pelas pessoas em casa sentadas em frente à televisão. Faz parte da mesma política de formalização física de espaços culturais, de modo geral, a construção de um espaço festivo especificamente destinado a abrigar determinados eventos.

Ao se aventar a possibilidade de construção de um espaço formal para guerra de espadas em Cruz das Almas vem a baila uma questão de ordem econômica: a cidade teria condições de construir “espadódromo”? Inegavelmente, trata-se de uma edificação onerosa, por isso, uma obra dessa magnitude só seria viabilizada se consorciada entre a municipalidade e os governos estadual ou federal, uma vez que a parceria público-privada em pequenas cidades e centros urbanos de projeção sub-regional como Cruz das Almas ainda está em um estágio incipiente. Além disso, o valor do solo urbano na cidade em tela é muito elevado.

Muitos espadeiros afirmam que antes de existir a festa junina concentrada a Guerra de Espadas já atraía visitantes para a cidade, por isso, a festa-espetáculo do Parque Sumaúma surgiu e se ampliou às expensas da notabilidade e da relevância cultural da ludicidade pirotécnica. Paradoxalmente, a mesma Guerra de Espadas, que difunde a imagem da cidade de Cruz das Almas no período junino e fora dele, é aquela que se constitui em um gargalo administrativo para os gestores públicos. Enquanto as pessoas a favor das espadas arguem exatamente a importância dessa prática, os que são contrários alimentam o seu discurso a partir da crítica ao aumento de poder de fogo desses artefatos, que nas últimas décadas já provocaram até vítimas fatais. Como o hospital de Cruz das Almas tem um raio de abrangência sub-regional, muitos queimados de cidades circunvizinhas se dirigem para aquela unidade de saúde, que atinge no ciclo junino o ápice da sua capacidade de carga, alimentando, assim, a retórica das pessoas que pedem a retirada das batalhas de espadas da área urbana.

Reflexões finais

A simples menção à mudança na logística espacial da pirotecnia lúdica das espadas é motivo para discussões, debates que transitam por vários segmentos sociais de Cruz das Almas. Há pessoas que defendem a construção de um “espadódromo”, argüindo um eventual aproveitamento econômico mais racional dessa prática, enquanto outras repudiam veementemente esse projeto, destacando que pode ocorrer uma descaracterização de uma manifestação cultural secular. No contexto dessa polêmica alguns políticos preferem um tom mais moderado em relação ao assunto, temendo uma eventual impopularidade junto a um dos lados. A problemática da racionalização espacial da Guerra de Espadas abarca, portanto, aspectos socioculturais, políticos e econômicos.

A Guerra de Espadas poderia coexistir com outras modalidades festivas juninas difusas na área urbana de Cruz das Almas ou para existência dessa prática é imprescindível uma segmentarização e uma compartimentação espacial como ocorre na atualidade? Deve-se buscar um equilíbrio entre organização e racionalização da deflagração da Guerra de Espadas no espaço urbano para não comprometer, desqualificar ou descaracterizar esse evento cultural secular.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I** – Magia e Técnica, Arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura, 7ª edição, tradução de Sérgio Paulo Rouanet: São Paulo: Brasiliense, 1996.

CASTRO, J. Roque Barros de. As festas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado / profano. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. – Salvador: EDUFBA, 2008. Pp. 181 – 197.

CASTRO, Janio Roque B. de. **Dinâmica territorial das festas juninas na área urbana de Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas - Ba: espetacularização, especificidades e reinvenções**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia – UFBA.

CRUZ DAS ALMAS. Prefeitura. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cruz das Almas**. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Cruz das Almas /Ba, 2001.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 05; Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34, 1997.

PINTO FILHO, Renato Passos da Silva. **Cruz das Almas dos meus bons tempos**. – Salvador: Bureau, 1984.

SANTANA, Alino Matta. **O livro do centenário**: marcos do progresso de Cruz das Almas: Cruz das Almas - BA. – Bureau, 1997.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. – São Paulo: Contexto, 2007.

TUAN, YI – Fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

VAZ, Lílian Fessler e JACQUES, Paola Berenstein. Territórios culturais do Rio. In: JACQUES, P. Berenstein e JEUDY, H. Pierre. (orgs.) **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Tradução de Rejane Janowitz. – Salvador: EDUFBA / FAUFBA, 2006. Pp. 75 – 91.